

Estudo etimológico, diacrónico e diatópico do topónimo *Cunha* (e variantes)

Resumo:

A toponímia, entendida como o estudo dos diversos nomes que os seres humanos lhe têm dado aos diferentes acidentes geográficos de que se compõe o meio em que estes habitam, tanto natural como urbano, é um produto sócio-cultural, ideologicamente condicionados, que reflecte a história evolutiva da língua das comunidades que têm nomeado e diferenciado ditos locais. Deste modo, este trabalho, que está dedicado ao estudo do topónimo *Cunha* e de todas as suas variantes desde uma perspectiva diacrónica e diatópica, ficou dividido em três secções. Na primeira delas, proceder-se-á a realizar um estudo de todas as hipóteses até agora lançadas acerca da possível procedência etimológica deste topónimo, no qual serão também tidas em conta fontes linguísticas do âmbito leonês, assim como a evolução doutras formas galego-portuguesas, que, pela sua parecida estrutura fonético-fonológica, podem ajudar a compreender melhor a história do citado topónimo. Este estudo conduzir-nos-á à segunda secção em que se realizará, primeiro, uma breve aproximação ao uso destas formas nalguns documentos medievais galego-portugueses e, segundo, um mais demorado análise sobre a sua distribuição diatópica no território galego. Na última das partes estabelecer-se-á toda uma série de hipótese acerca da procedência etimológica e possível evolução do topónimo, assim como da sua actual distribuição diatópica.

Palavras-chave: Topónimo *Cunha*, Estudo Etimológico, Mapas de Variação Diatópica Actual, Variação Diacrónica, Toponímia Galego-portuguesa.

Abstract:

Toponymy, understood as the study of the different names used by human beings to refer to the geographical features of the landscape they inhabit, whether it is rural or urban, is a socio-cultural product, ideologically conditioned, which reflects the evolutive history of the language of the communities that have named and differentiated those places. Thus, this paper, which is dedicated to the study of the toponym *Cunha* and its variations from a diachronic and diatopic point of view, will be divided into three sections. In the first section, I will set forth all the possible hypotheses of its etymological origin, for which I will take into account Leonese linguistic sources, as well as the evolution and distribution of other Galician-Portuguese words, which, due to their phonetic and phonological structure, can help us to understand the history of this toponym. In the second section, first I will briefly describe the use of these forms in some Galician-Portuguese medieval documents, and, second, I will carry out a more detailed analysis of its diatopic distribution in the Galician territory. In the last section, I will establish several hypotheses about the etymology and evolution of this toponym, as well as its current diatopic distribution.

Key words: Toponym *Cunha*, Etymological Research, Contemporary Diatopic Distribution Maps, Diachronic Distribution, Galician-Portuguese Toponymy.

1. Introdução

Hoje em dia, na delimitação do objecto de estudo dos trabalhos dedicados à investigação toponímica só cabe adoptar uma perspectiva científica ampla e integradora que permita para, deste modo, entendermos este fenómeno na sua globalidade.

Os topónimos, que não são senão os diversos nomes que os seres humanos lhe têm dado aos diferentes acidentes geográficos de que se compõe o meio em que estes habitam, tanto natural como urbano, são ao mesmo tempo um produto cultural, através do qual podem ser conhecidos aspectos antropológicos, como a ideologia imperante numa determinada época histórica; sociais, como os movimentos migratórios produzidos no passado; ou propriamente linguísticos, como a própria história evolutiva duma determinada língua.

O porquê deve ser buscado no carácter testemunhal dos topónimos. Neste sentido, tal e como os fósseis estudados pela biologia ou a paleontologia ajudam a compreender etapas pretéritas da história natural ou geodésica da Terra, os topónimos são testemunhos linguísticos fossilizados que achegam uma valiosa informação acerca do passado das comunidades humanas que povoaram e povoam os diversos territórios que nos rodeiam.

Este trabalho, pois, dedicar-se-á ao estudo do topónimo *Cunha* e de todas as suas variantes desde uma perspectiva diacrónica e diatópica. Para isso, proceder-se-á, na primeira secção, a realizar um estudo de todas as hipóteses até agora lançadas acerca da possível procedência etimológica deste topónimo, no qual serão também tidas em conta fontes linguísticas do âmbito leonês, assim como a evolução doutras formas galego-portuguesas, que, pela sua parecida estrutura fonético-fonológica, podem ajudar a compreender melhor a história do citado topónimo. Este estudo conduzir-nos-á à segunda secção em que se realizará, primeiro, uma breve aproximação ao uso destas formas nalguns documentos medievais galego-portugueses e, segundo, um mais demorado análise sobre a sua distribuição diatópica no território galego.

A finalidade do trabalho será, então, aclarar em certa medida a confusão existente à volta deste topónimo, lançando as minhas próprias hipóteses acerca da etimologia, da evolução e da sua actual distribuição diatópica.

2. Estudo etimológico

Para podermos fazer um rastreio da etimologia do topónimo “Cunha”, o primeiro que caberá delimitar são, de entre todas as formas *a priori* relacionadas diacronicamente, qual delas é a mais arcaica. Para isto, proceder-se-á à comparação com a evolução no tempo da forma da P1 e da P3 do pretérito imperfeito do verbo “pôr”: “Punha”, possivelmente análoga à do topónimo.

Assim, “Punha” procede da forma latina PONIA, que, como se pode apreciar, tem originariamente <o> na vogal do radical. A evolução sofrida foi a seguinte: PONIA>põia>poinha>*puinha>punha.

De jeito, pois, análogo, “Cunha” é a última das fases evolutivas duma série de formas semelhantes à da forma verbal: ?>*Cõia>Coinha>Cuinha>Cunha.

Continuando com a sequência deste raciocínio, caberá agora perguntar-se acerca do referente ao qual se lhe aplica este significante, para poder estudar as possíveis mudanças de sentido ou significado que possam aportar pistas acerca da etimologia do topónimo.

Assim, no *Dicionário Electrónico Houaiss* (Instituto Antônio Houaiss, 2001) encontramos a seguinte definição: “peça de metal ou madeira dura, em forma de prisma agudo em um dos lados, e que se insere no vértice de um corte para melhor fender algum material, bem como para calçar, nivelar, ajustar uma peça qualquer”, cuja etimologia seria CŮNĚA (forma feminina de CŮNĚO) (*vid.* Machado, 1977: 265-266). Esta última forma, por sua vez, é definida no latim como: “CŮNĚUS: [...] formación triangular de un batallón que iba a chocar con otro por el vértice”(Miguel, 2000: 249), mas também como “Promontorio de Lusitania”(ibid). Com este último encontramos uma primeira referência à condição toponímica deste termo.

Fazendo uma análise dos acidentes geográficos galegos aos quais é aplicado este topónimo, descobrimos que este aparece normalmente associado a elevações topográficas. Pondo isto em relação com a definição antes apontada, a mera referência antes encontrada a um único promontório da Lusitânia não satisfaz, do meu ponto de vista, uma etimologia convincente para o topónimo.

Tal e como aponta Fernandes (1999), “o topónimo “nada tem com o utensílio”” (231) procedendo, segundo ele, do étimo latino *cullina*, que teria tido duas evoluções divergentes: uma para “Cunha” e outra para “cozinha”. Do meu ponto de vista, esta explicação não tem validade, pois a forma actual “cozinha” nem sequer provém deste étimo, mas dum hipotético *cocina, que sim explicaria o surgimento da fricativa sonora intervocálica [z].

Portanto, cumprirá que continuemos a rastrear os étimos galego-portugueses que fazem referência a este tipo de acidentes topográficos.

Neste sentido, encontramos, um primeiro termo “Colina” ao qual poderíamos atribuir a etimologia do topónimo “Cunha”. “Colina” é um termo que provém, tal e como aponta J.P Machado (*vid. Op. Cit.:* 183), do étimo do latim coloquial tardio *Collīna*, que teria surgido a partir da forma *CŎLLIS*, -IS. Segundo A. de Almeida Fernandes (*vid. Op. Cit.*) o que teria acontecido no latim coloquial tardio do noroeste peninsular seria uma confusão entre um hipotético termo **culina* < *Cullina* (do qual hoje em dia procede o derivado “culinário”, por exemplo) e a forma *Collina*. Assim, produziu-se uma transformação do -ll- em -l-, com o qual a ficaria explicado o apócope do -l- intervocálico característico do galego-português.

Esta hipótese, do meu ponto de vista, também não é válida, já que, fazendo uma rápida análise da história de “colina”, encontramos que este é um termo que entrou tanto no galego-português quanto no castelhano a partir do italiano “collina” (‘loma extensa y algo elevada’ (Segura, 1985: 127)) no século XVII, sendo que “Los primeros ejs. pertenecen todos al lenguaje de los militares [...]” (Corimones & Pascual, 1980: 137). A cronologia de entrada do termo não coincide, pois, com etapas pretéritas do latim coloquial tardio do noroeste peninsular, de maneira que caberia supor a inexistência do citado termo *Collina* no latim deste território.

Continuando com o rastreio de formas galego-portuguesas que fazem referência a elevações topográficas, encontramos o termo <Outeiro>, procedente do étimo *ALTĀRĪUM*, do qual a primeira referência é encontrada no ano 961. Pela forma desta voz vemos que nada tem a ver com o topónimo objecto de estudo, podendo ficar, pelo de agora, excluído da nossa explicação.

Visto que nenhuma das hipóteses até agora apontadas parece ter validade, tentar-se-á procurar a etimologia do topónimo no âmbito leonês, que evolutiva e geograficamente está muito próximo do galego-português. Deste jeito, rastreando a etimologia do termo encontramos uma referência em Moralejo Lasso (1977: 351) em que o autor relaciona as formas “Coedo”, “Coído”, “Coiñado”, “coyo” e “coiño”, todas elas com o significado de ‘canto rodado’. Por trás de todas destas formas encontramos a base pré-romana *COM*, “frecuente en la toponimia del Noroeste peninsular en formas como “COÍÑA”, “Cuíña”, “COEDO”” (García García, 1983: 216). A etimologia desta base teria duas hipotéticas procedências: por um lado, segundo Coromines & Pascual, viria do termo “ártabro **KAUNO*- hermano de la conocida voz gala *ACAUNON*” (*Op. Cit.:* 164);

e, por outro, segundo Piel (1979), da voz latina CŌNUS, que teria experimentado “uma matização semântica de ‘cone’ para ‘ponta extrema’” (132). Tendo a base COM um eminente carácter costeiro, tal e como refere Coromines, surge-nos a dúvida de como esta base poderia ter dado lugar a diferentes variantes repartidas por toda a geografia galega, tanto costeira como não, assim como pela região do Bierzo, que nada tem de costeira.

3. Buscas e Localização em Mapas

Para tentarmos encontrar um padrão de relacionamento entre as diversas formas do topónimo, proceder-se-á a apresentar e comparar as diversas ocorrências encontradas nas buscas realizadas no *Nomenclátor de Galicia* (Xunta de Galicia, 1996 & 1998), tanto na versão digital quanto na versão em papel, e no *Atlas Lingüístico Galego* (García & Santamarina, 1990), assim como noutra busca realizada nos textos medievais do livro de Clarinda Maia de Azevedo (1986) *História do Galego-Português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*, com o intuito de realizar um seguimento diacrónico do topónimo em questão.

- Busca nos textos medievais de Clarinda Maia de Azevedo:

Para o topónimo encontramos, nestes textos pertencentes à região norocidental da Península, duas ocorrências: “[...] que era do cafal de **Coyna** [...]” (*ibid.*: 81) pertencente a um documento da província de Lugo de 1302; e “Lourenço de **Coynas**” (*ibid.*: 97), pertencente a um texto desta província de 1407.

Para a forma verbal “punha” encontramos também duas ocorrências: “cada una *daf partef* por *fi poyn~a* þ o dereyto que por *fi aui~a*” e “*af demandaf* que *faci~a* þ *af razoeaf* que por *fi poyn~a*” (*ibid.*: 81), pertencentes a um texto também da província de 1302.

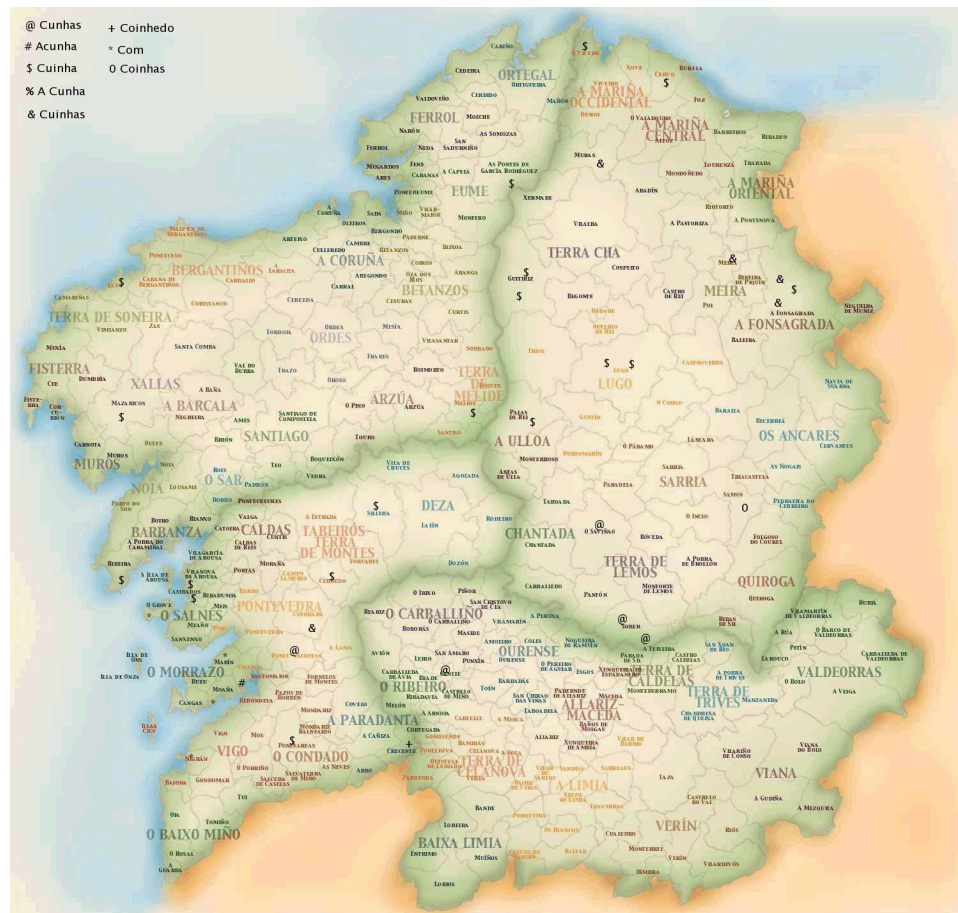
Das buscas realizadas obtiveram-se, pois, só dados para as formas com a sequência [o’i], que se supõe uma das formas mais arcaicas. Curiosamente a única região em cujos textos aparecem estas formas é a província de Lugo, região linguisticamente conservadora, em que normalmente ocorrem as formas mais arcaicas.

- Buscas no *Nomenclátor de Galicia*:

Os mapas aqui apresentados reflectem os resultados obtidos através as buscas realizadas tanto na edição em papel quanto na digital do referido Nomenclátor.

Mapa 1

Neste mapa aparecem os resultados obtidos para as seguintes formas: Cunhas, Acunha, Com, Coinhede, Cuinha, Cuinhas, A Cunha e Coinhas.



Mapa 1: Elaborado a partir dos dados extraídos do *Nomenclátor de Galicia*, versão digital (<http://www.xunta.es/nomenclator/busca.jsp>) e versões em papel (Xunta de Galicia, 1996 & 1998)

Como pode ser observado, as formas mais arcaicas do topónimo Cunha encontradas no Nomenclátor, isto é, Coinhas e Coinhedo, não guardam uma aparente relação diatópica, pois, enquanto o primeiro está situado no sudeste da província de Lugo, como caberia esperar segundo as ocorrências encontradas nas anteriores buscas no corpus de textos medievais; o segundo está situado no sul da fronteira das províncias de Ponte Vedra e Ourense. Completando isto com a informação referentes à micro-toponímia que aporta Cabeza Quiles (1992: 152), encontramos também a forma Coinho aplicada a um monte pedroso do concelho ourensão do Bolo, situado numa região muito oriental da Galiza.

As formas Cuinha e Cuinhas, que são formas diacronicamente posteriores às anteriores formas, apresentam a distribuição ditópica que será descrita a seguir. A primeira das formas ocorre normalmente na zona setentrional das Rias Baixas, na zona meridional das Rias Altas, na zona interior das províncias da Corunha e de Lugo, assim como no Norte desta província e no interior setentrional da província de Ponte Vedra. Podem ser, porém, estabelecidas duas zonas de ocorrência: uma zona central e setentrional da Galiza e uma zona costeira central. Trata-se, pois, de duas zonas em princípio mais deslocadas para o ocidente do que a zona de ocorrência das formas mais arcaicas, apesar do facto de que destas formas haja uma ocorrência no oriente da província de Ponte Vedra.

As formas do ponto de vista diacrónico mais evoluídas, isto é, Cunha, Acunha e A Cunha, têm, segundo poderá ser observado, um padrão de ocorrência mais deslocado para o Sul. Da forma Cunha aparecem várias ocorrências na zona Sul da província de Lugo perto da fronteira com a província de Ourense, na qual se regista uma ocorrência numa zona ocidental. Na província de Ponte Vedra a situação é um bocado mais complexa, pois, além das ocorrências desta forma Cunha, segundo as citadas fontes referentes à micro-toponímia (*vid. Op. Cit.*), há na comarca de Lalim duas ocorrências em que o topónimo apresenta uma forma híbrida: Cunharro do Cabo e Cunharro do Médio. Da forma Acunha encontrados uma ocorrência na comarca do Morraço e da A Cunha uma outra ocorrência na comarca de Ponte Areas. Observa-se, como já foi apontado, uma zona de ocorrência destas formas mais deslocada para regiões meridionais da Galiza.

Atendendo, pois, a estes dados, pode-se deduzir que:

1. a região aparentemente mais conservadora e arcaica é a zona oriental da província de Lugo;

2. deslocando-nos para o ocidente, existe uma outra zona mais ou menos setentrional e central e outra costeira central em que ocorrem formas mais inovadoras;
3. e que existem duas regiões ainda mais inovadoras, situadas no Sul da província de Lugo e no Sul da de Ponte Vedra.

Falta, por último, fazer referência aos resultados os obtidos para a forma Com, possivelmente relacionada com as anteriores formas e que, de ser assim, seria diacronicamente mais arcaica do que todas elas. Da busca realizada no Nomenclátor obtiveram-se quatro ocorrências todas elas situadas na costa das Rias Baixas. Segundo o anteriormente referido artigo de J. Piel (*Op. Cit.*: 132) há uma outra ocorrência desta forma no município asturiano de Cangas de Onis, portanto, numa região muito meridional e oriental.

Mais uma vez encontramos, pois, duas regiões de ocorrência espacialmente bastante afastadas. Chegados a este ponto caberia, quiçá, explorar mais esta forma pré-romana, pois a sua relação com outras formas como “Coio” ou “Croio” poderia chegar a oferecer um pouco mais de luz ao assunto estudado. Da forma Coio encontramos uma referência na micro-toponímia na forma “Alto do Coio”, monte pedroso de Nogueira de Ramuim (Ourense), zona interior setentrional da província, próxima da fronteira com a província de Lugo. Parece, assim, poder-se afirmar, tendo em conta estes dados, que tanto Coio como Com são variantes duma mesma forma arcaica diatopicamente distribuídas. Desta maneira, enquanto a forma com nasal era mais frequente nas zonas costeiras, a forma sem nasal apresenta uma distribuição não coincidente com aquela, quando menos.

Por outro lado, enquanto a forma Com poderia estar na origem de formas como Coinha, Cuiha e Cunha, todas elas também com nasal; a forma Coio poderia está-lo na de formas como Coedo ou Coído, em que a nasal não está presente. Dado que só no próximo mapa serão analisados dados para estas últimas formas, preferimos, pois, adoptar certa cautela antes de adiantar qualquer conclusão precipitada.

Mapa 2

Neste mapa são reflectidos os dados obtidos nas buscas realizadas no Nomenclátor para as formas Coído e Coedo, derivadas, na minha opinião, da forma Coio, com um sufixo –edo ou –ído, cujo significado é ‘conjunto de’, neste caso entendido como conjunto de Coios e, por extensão, como ‘montículo’.



Mapa 2: Elaborado a partir dos dados extraídos do *Nomenclátor de Galicia*, versão digital (<http://www.xunta.es/nomenclator/busca.jsp>) e versões em papel (Xunta de Galicia, 1996 & 1998)

Como pode ser observado, para a forma Coído foram encontradas formas situadas, primeiro, numa zona costeira do Norte da província da Corunha e, segundo, numa outra zona setentrional e interior da província de Lugo.

Para a forma Coedo a localização das ocorrências é significativamente diferente. Por um lado, temos uma zona de ocorrência situada no interior da província de Lugo; por

outro, uma outra zona localizada mais ou menos na região ocidental da província de Ourense. Porém, como pode ser observado, esta forma regista também ocorrências noutras regiões da Galiza muito distantes entre si: no oriente da província de Ourense, no oriente e Norte da de Lugo e no Norte da da Corunha, nesta última em convivência com a forma Coído, que é aqui maioritária. Além disso, foi encontrada uma forma híbrida, Coedros, que parece apontar para a forma Coedo, situada no Sul da província de Ponte Vedra.

Tendo em conta os dados já apontados, poder-se-á afirmar que, das duas formas derivadas de Coio, a forma derivada a partir do sufixo –edo é, em princípio, mais arcaica do que a forma derivada a partir de –ído, pois ocorre em regiões muito mais orientais. Porém, o facto de que aquela ocorra também em regiões meridionais da Galiza leva-nos a pensar que, embora mais arcaica, a forma em –edo teve uma maior vitalidade, fazendo, por um lado, com que a forma em –ído ficasse restrita a zonas mais setentrionais, e permitindo, por outro, a sua aparição na zona Sul da província de Ponte Vedra, em princípio, mais inovadora do que as regiões orientais de Lugo e de Ourense.

Mapa 3:

Neste mapa aparece a distribuição diatópica das ocorrências das formas da P1 e P3 do pretérito imperfeito do verbo “pôr”: “ponhia”, “punhia” e “punha” encontradas no *Atlas Lingüístico Galego*.



Mapa 3: Elaborado a partir dos datos extraídos do mapa 322 do *Atlas Lingüístico Galego* (García & Santamarina, 1990), vol. 1, 2 (Morfología verbal), pp. 620-621

Segundo pode ser observado no mapa, para a forma “ponhia” pode ser delimitada uma zona mais ou menos extensa de ocorrência que ocupa toda uma faixa de Norte para Sul situada na parte central da Galiza, com esporádicas ocorrências a leste e oeste desta faixa.

Para a forma “punhia”, porém, a situação é um pouco mais complexa, pois, por uma lado, pode ser delimitada toda uma zona de ocorrência de Norte para Sul, situada na parte oriental da Galiza, e, por outro, uma outra zona situada nas Rias Altas.

Por último, para a forma “punha”, forma maioritária segundo indicam os dados do mapa, pode ser delimitada uma ampla zona de ocorrência que ocupa toda a parte meridional da Galiza, isto é, das províncias de Ourense e de Ponte Vedra.

A conclusão que pode ser, portanto, tirada à luz destes dados é que existe uma zona que ocupa toda a parte meridional da Galiza que é claramente mais inovadora do que

o resto. Assim, dada a densidade de ocorrências da forma “punha” na província de Ponte Vedra, sensivelmente mais povoada do que a de Ourense, poder-se-á dizer que esta é a zona mais inovadora, o qual se ajusta à conclusão já tirada a partir da análise feita no primeiro dos mapas, segundo a qual as formas mais inovadoras do topónimo ocorriam principalmente naquela província, junto com uma outra zona do Sul da província de Lugo.

4. Conclusões

À luz destes dados, várias hipóteses, que haverão de ser verificadas em trabalhos posteriores, podem ser lançadas:

1- Tanto as formas do topónimo com nasal quanto as que não têm nasal, procedem de uma mesma forma pré-romana (A)KAUNO. Deste jeito, podem ser estabelecidas duas diferentes evoluções desta forma, as quais estariam na origem das diferentes formas do topónimo até agora apresentadas:

(A)KAUNO > cõo > com
> coio

2- Ambas as formas em origem designavam uma mesma realidade, isto é, ‘pedra’. Com a passagem do tempo, porém, cada uma das formas ficou especializada para um tipo de ‘pedra’ diferente. Assim, enquanto “Com” passou a ser utilizada para designar um tipo de ‘pedras’ frequentes nas zonas costeiras, isto é, as ‘rochas’, pois a forma pura pode ser encontrada só em diferentes partes da costa; “Coio”, ou a sua variante “Croio”, passou a ser utilizada para designar todos os tipos de pedras pequenas, excepto as rochas. Nesta fase evolutiva, do meu ponto de vista, deu-se uma outra divergência semântica entre estas formas. Por um lado, a forma “Coio” ficou designando realidades individuais, enquanto a forma “Com” mudou o seu significado e passou a designar ‘conjunto de pedras’ e, por extensão, ‘montículo’, cuja magnitude física é maior do que a duma simples pedra. Disto dão testemunho os diferentes procedimentos derivativos empregues para formação das diferentes formas do topónimo, com ou sem nasal. Assim, enquanto para a formação das formas sem nasal: Coedo e Coído, foi empregue um sufixo cuja significado é ‘conjunto

de', para as formas com nasal: Coinha, Cuiha e Cunha, parece que em origem foi empregue um sufixo diminutivo, que com a passagem do tempo perdeu a sua significação diminutiva ao tempo que a evolução fonética da forma amalgamada resultante disfarçou o significante deste sufixo diminutivo.

3- Ambas as formas tiveram uma muito diferente vitalidade ao longo do tempo. Por um lado, a forma "Com", apesar de que na sua forma pura ficasse relegada para as zonas costeiras, deveu ter antigamente uma maior vitalidade do que a forma "Coio" à hora de servir de base para a formação das diferentes formas do topónimo. Do meu ponto de vista, enquanto a forma "Com" perdeu a sua vitalidade na fala popular como forma para designar as pedras de pequeno tamanho em detrimento da forma "Coio", até hoje utilizada com este mesmo significado; aquela forma foi, muito pelo contrário, a preferida para servir de base das formas derivadas do topónimo. Isto pôde ser devido à mudança semântica sofrida, pois o facto ter passado a designar montículos pô-la em concorrência directa com uma outra forma Outeiro (< ALTARIUM) que, possivelmente, numa determinada altura passou a ser a forma maioritariamente escolhida para designar este tipo de realidades.

4- As formas sem nasal do topónimo deixaram de ser utilizadas em determinada altura, pois ficaram restritas a uma zona setentrional da Galiza, enquanto as formas com nasal continuaram, porém, sendo empregues, a sua maior extensão geográfica.

5. Bibliografia

Battisti, C. & Alessio, G. (1975). *Dizionario etimologico italiano*, vol II, Firenze: G. Barbèra Editore.

Bloch, O. & Von Wartbur, W. (1975). *Ditionaire étymologique de la lange française*, 7ª Edição. Paris: Presses Universitaires de France.

Cabeza Quiles, F. (1992). *Os Nomes de Lugar. Topónimos de Galicia: a súa orixe e o seu significado*. Vigo: Ed. Xerais.

Corominas, J. & Pascual, J. A. (1980). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, vol II. Madrid: Ed. Gredos.

Coromines, J (1983). *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. Barcelona: Curial Edicions.

Fernandes, A. de Almeida (1999). *Toponímia Portuguesa (Exame a um Dicionário)*, Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.

García , C. & Santamarina, A. (Directores) (1990). *Atlas Lingüístico Galego*, vol. 1, 2 (Morfología Verbal). Vigo: Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa”.

Gracia García, J.J.M. (1983). *La Toponimia del Bierzo (bases para un Corpus Toponimicum)*. Tese doutoral, Universidad Complutense de Madrid.

<http://www.xunta.es/nomenclator/busca.jsp>

Instituto Antônio Houaiss (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua Portuguesa*, CD-ROM (versão 1.0). Rio de Janeiro: Objetiva.

Machado, J. P. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Vol II, 3ª Ed.. Lisboa: Livros Horizonte.

Maia, C. de Azevedo (1986). *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. (Edição de documentos da Galiza). Coimbra: I.N.IC.

Miguel, R. de (2000), *Nuevo Diccionario Latino-Español Etimológico*. Madrid: Visor Libros.

Moralejo Lasso, A. (1977). *Toponima Gallega y Leonesa*. Compostela: Ed. Pico Sacro.

Xunta de Galicia (1996). *Nomenclátor de Galicia. Ourense*. Santiago de Compostela: Consellería de Presidencia e Administración Pública/Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia.

Xunta de Galicia (1998). *Nomenclátor de Galicia. Pontevedra*. Santiago de Compostela: Consellería de Presidencia e Administración Pública/Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia.

Piel, J. (1979). “Sobre miragens de pré-história onomástica lexical galega, a propósito do galego “Becerreá” e “Bácoro”” in *Grial*, nº64. Vigo: Ed. Galaxia.

Segura Murguía, S. (1985). *Diccionario etimológico Latino-Español*. Madrid: Ed. Generales Anaya.